

Livre Acesso: edição especial Cultura Negra¹

Filipe BARBOZA²

Fábio BRITO³

Joyce AFONSO⁴

Núbia CUNHA⁵

Caroline FRANÇA⁶

Nara BRETAS⁷

Adriano Medeiros da ROCHA⁸

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

A edição especial Cultura Negra é um trabalho desenvolvido pelos estudantes do sétimo período do curso de Jornalismo com orientação do professor da disciplina de Telejornalismo. O objetivo do programa é resgatar aspectos de manifestações culturais negras, levando em consideração algumas temáticas encontradas nas cidades de Mariana e Ouro Preto, Minas Gerais. A partir desse recorte, o produto tenta abrir o leque de reflexão do assunto, fazendo com que as características locais retratadas possam servir - além de um importante registro e documento audiovisual da negritude da região - como um meio de discussão sobre as memórias, os tabus e as afirmações da população negra em um âmbito ampliado. Esta edição do Livre Acesso, que será apresentada no XX Intercom Sudeste, foi produzida durante o segundo semestre de 2012.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual, Cultura Negra; Identidade; Memória; Reportagem.

1 INTRODUÇÃO

O projeto apresentado para o Prêmio Expocom 2013, trata-se de uma edição especial do telejornal laboratório Livre Acesso, produzido pelos alunos do sétimo período do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), no segundo semestre de 2012.

O passado escravocrata que envolve Mariana e Ouro Preto influenciou diretamente, na construção étnica da atual população das duas cidades. Assim, a temática “Cultura

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Rádio, TV e Internet, modalidade Programa laboratorial de TV (avulso ou seriado).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: filipedavison@yahoo.com.br.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: fabiobrito@outlook.com.

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: joycecassia@hotmail.com.

⁵ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: nubiakenia36@hotmail.com.

⁶ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: carolzz@hotmail.fr.

⁷ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: narabretaslage@hotmail.com.

⁸ Orientador do trabalho. Professor de Telejornalismo e Documentário, Curso de Jornalismo da Ufop, email: adrianomedeiros.ufop@gmail.com.

Negra” foi escolhida com o objetivo de retratar e, principalmente registrar, aspectos de algumas representações culturais de descendência negra nessas localidades. No entanto, desde o início, propomos, de forma clara, que essa escolha não limitaria o programa no aprofundamento da discussão sobre essas manifestações em esferas que vão além do regional.

Optamos por produzir reportagens mais amplas que fugissem do lugar-comum, desviando, conseqüentemente, da visão negativista da cultura negra que ainda persiste em algumas abordagens midiáticas. Segundo Young (1990), o imperialismo cultural é uma forma de opressão que marca certos grupos, estereotipando-os em forma de representações homogêneas e negativas. Sendo assim, no planejamento inicial do trabalho, já tínhamos como prioridade embasarmos em uma narrativa abrangente de descoberta da Cultura Negra a fim de afirmá-la.

Nas reuniões do grupo, definimos quatro temas que deveriam ser abordados no telejornal: memória, religião, dança e música. A partir disso, esses assuntos se desdobraram em quatro reportagens. Foram retratadas matérias sobre a Umbanda, o Quilombo, a Capoeira e o Hip-hop, além de uma entrevista com a professora do Núcleo de Pesquisa Afro-brasileiros (Neab) da Ufop, Sheila Dias.

2 OBJETIVO

Tivemos como objetivo mostrar algumas tradições desse povo na região, evidenciando as mudanças, as novas facetas e também o que está se perdendo ao longo do tempo.

Quando se trata do tema da preservação de identidade negra, é comum em alguns programas a utilização de uma linguagem dramática, sensacionalista ou de apelos desnecessários. A partir do modelo diferenciado que pensamos neste trabalho, intentou-se apresentar o conteúdo de forma profunda e que fugisse da exploração barata e maçante do assunto. Carvalho (2010) reitera esse posicionamento:

“Pense no telespectador. Não dá para dizer: ‘você vai ver uma reportagem especial sobre determinado assunto’ se ao final da matéria ele tiver a sensação – ou a certeza – de que já assistiu àquilo tantas e tantas vezes”(CARVALHO, 2010, p.28)

Para encontrarmos a fuga ao posicionamento estereotipado, a linguagem se apresentou como uma saída fundamental desse processo. Buscou-se então utilizar uma abordagem mais leve, justamente para chegar a um produto mais humano e interpretativo.

Esse objetivo visou o aprofundamento extensivo - no qual o espectador é brindado com dados, números e informações - sem deixar de lado o aprofundamento intensivo, quando o público é alimentado de informações que possibilitam aumentar qualitativamente sua taxa de conhecimento (LIMA, 2009).

Outra forma de abordagem diferenciada foi a tentativa de aproximar o repórter dos seus entrevistados. Para Pereira Junior (2010, p.100), “entrevistar é, antes de tudo, construir as condições para que seu interlocutor comece a dizer coisas que hesitaria dizer de bate-pronto a qualquer um”. Oyama (2009) acrescenta:

“o que diferencia uma entrevista fria e protocolar de outra surpreendente, emocionalmente e reveladora? Eu não tenho dúvidas de que é, sobre tudo, o grau de confiança que o entrevistador consegue inspirar no entrevistado”. (OYAMA, 2009, p. 31)

Sendo assim, buscamos desenvolver, em algumas matérias, uma relação mais próxima, e conseqüentemente, mais descontraída com as fontes, a fim de romper distâncias para ganharmos, com isso, depoimentos mais humanizados.

O objetivo final do programa é trazer conhecimento e informação sobre a Cultura Negra da região em questão, conquistando a atenção do espectador com uma linguagem mais livre e com a utilização mais humana das fontes. Intencionamos também, na produção de todo o conteúdo, provocar o despertar para a importância histórica da memória cultural negra e, até mesmo para a quebra de preconceitos e tabus.

3 JUSTIFICATIVA

O tema foi escolhido pela curiosidade do grupo que se deu, principalmente, pela invisibilidade e também pela conotação estereotipada de alguns desses assuntos nos meios de comunicação locais e em setores da sociedade. Como afirma Bathes (2002):

“o estereótipo é palavra repetida, fora de toda a magia, de todo o entusiasmo, como se fosse natural, como se por milagre essa palavra que retorna fosse a cada vez adequada por razões diferentes, como se imitar pudesse deixar de ser sentido como uma imitação: palavra sem cerimônia, que pretende a consciência e ignora sua própria existência”. (BATHES, 2002, P.52)

Muitos dos assuntos pensados tiveram, em um primeiro momento, a desconfiança dos próprios membros da equipe, seja por desconhecimento ou por entendermos que seria difícil adentrar em certos ambientes.

Dessa forma, este trabalho tornou-se importante tanto para a região abordada - registrando manifestações que, geralmente não possuem espaço midiático satisfatório - quanto para os próprios estudantes que conseguiram superar os desafios do tema e colocar em prática as teorias aprendidas na sala de aula em comunhão com uma proposta de criação mais interpretativa, ampla e humana.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

No Livre Acesso: edição especial Cultura Negra, a construção foi feita através de uma temática central, isso o diferencia de outros telejornais produzidos na disciplina. Como o trabalho engloba aspectos da Cultura Negra em Mariana e Ouro Preto, tentamos não nos prender em um viés histórico escravocrata, mas sim no predomínio e transformação desta cultura nos dias atuais.

A seleção das pautas foi feita através de possíveis propostas encontradas na região relacionado-as ao tema central e aos assuntos que queríamos tratar. A partir daí, escolhemos os locais de gravação da apresentação que também trazem informações próprias e complementares às matérias.

Em alguns casos, as gravações foram feitas em um dia, como durante a realização do encontro dos adeptos a Capoeira. Já outras marcações exigiram mais tempo. A matéria sobre a Umbanda, por exemplo, demandou mais de três dias de gravação, visto a preocupação do grupo em adentrar no ambiente de forma respeitosa e ética.

Para dar a oportunidade de o telespectador conhecer cada ponto abordado, as gravações foram feitas durante as realizações das atividades de cada movimento, nesse caso, o grupo teve que se adequar a iluminação do ambiente. Os equipamentos foram câmeras HD de mão, microfone estilo “sorvetão” para captação de som direcional e também microfone tipo “boom”.

As vinhetas de transição são padronizadas e têm duração de 40 segundos. Elas são utilizadas durante a passagem dos blocos. Para a edição, foi utilizado o *software* Adobe Premiere Pro 5.1.

A prioridade da edição foi mostrar a maior quantidade de material possível sem deixá-los maçante ao público, uma das técnicas utilizadas para isso, foi o incremento de

cenas em preto e branco. As trilhas utilizadas remetem a cada assunto buscando a interação com as imagens produzidas.

Os textos foram pensados de modo a levar conhecimento ao telespectador e terem sincronismo com as imagens utilizadas. Um acompanhamento minucioso foi feito por todo o grupo junto ao professor responsável para enquadrar nesse modelo.

Durante as gravações da apresentação, utilizamos duas câmeras em tripés com ângulos diferenciados para dar dinamismo e ritmo. Já em algumas gravações, como a matéria do Hip Hop, exigiu-se uma gravação mais pessoal, como se o olhar fosse do próprio telespectador.

Para conseguir realizar todas essas ações, a união do grupo também foi essencial. Como afirma Carvalho (2010, p. 16), “tudo em televisão é em equipe. Da pauta à exibição da notícia, vários profissionais estão envolvidos no trabalho”. Formado por 12 integrantes, a divisão primária ficou dividida em quatro repórteres, quatro repórteres cinematográficos, dois editores de vídeo e desenhistas de som, uma apresentadora e um aluno-editor. Com o início do trabalho e a visão da real demanda de marcações, o grupo fugiu um pouco desse esquema formal e quase todos acabaram desempenhando outras funções. Isso possibilitou também um maior aprendizado dos membros.

A apresentação se dividiu ao uso dos microfones, justamente para atender ao que melhor se adaptaria ao local escolhido. Na entrevista foi utilizado o microfone “shotgun”, nos demais ambientes, que são em maioria gravações externas, o uso do “sorvetão” foi predominante. Todas as escolhas foram tomadas para que o produto final fosse informativo, leve e cumprisse o papel inicialmente proposto.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Nas quatro reportagens que produzimos escolhemos trabalhar com pautas frias. Abordamos a comunidade quilombola do distrito marianense de Vila Santa Efigênia, onde pudemos observar, por exemplo, a perda de memória de uma sociedade negra.

Tratamos também sobre a Umbanda, um tema tabu em uma região marcada pela forte presença do catolicismo – tanto é que a própria Umbanda incorpora ao longo de sua história elementos católicos, caracterizando o Sincretismo Religioso. Com o intuito de quebrar esse preconceito, entramos em um terreiro para participar de um culto na intenção de mostrar os procedimentos da celebração e, com isso, informar o telespectador sobre as características próprias da religião.

Os ritmos e danças também foram destaques no programa. Apresentamos o movimento do Hip Hop, uma cultura de forte presença nas comunidades periferias de Ouro Preto. O Hip-Hop representa, na estrutura do programa, a força do jovem: negro, questionador e que pensa a respeito do seu papel na sociedade.

A capoeira, que faz parte do leque de matérias, é um elemento que exemplifica os fatores da Cultura Negra que conquistaram espaço na sociedade. Essa arte retrata o percurso da valorização negra, que apesar de se ter o reconhecimento tardio, aos poucos vai se incorporando em outros setores sociais. Hoje a Capoeira é considerada, além de um elemento negro, uma identidade nacional.

A palavra chave do programa, tanto no processo de produção como no decorrer das entrevistas, foi a interação. Pois, além da busca pelo elo entre repórter e entrevistado, tentamos fazer com que toda a equipe se envolvesse nas variadas etapas de desenvolvimento do produto. Assim, os membros responsáveis por uma determinada matéria acompanhavam as gravações de outras. Isso foi decidido, porque acreditamos que essas pessoas, por não estarem pressas aos equipamentos, poderiam ter um olhar diferenciado para indicar melhorias e ajustes.

O programa foi dividido em três blocos. Na abertura buscamos destacar um elemento muito forte na cultura negra, o tambor. O batuque, acompanhado da dissertação de um trecho do poema “Navio Negreiro” de Castro Alves, foi usado para envolver e localizar o telespectador sobre o que estava por vir.

As passagens foram realizadas nos mesmos locais de gravações das matérias, em meio às atividades que estavam ocorrendo no momento. Foram pensadas para além da composição do cenário, mas sim como forma do repórter estar presente e envolvido com o objeto trabalhado.

“Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento”
(PATERNOSTRO, 1987, p.147)

A trilha sonora não foi simplesmente um auxílio, mas sim recurso de grande e fundamental importância para a composição do programa. Ela foi usada como forma de acrescentar algo a história que estava sendo contada, envolvendo e proporcionando uma maior aproximação com o tema.

6 CONSIDERAÇÕES

A participação ativa dos repórteres e o diálogo aberto e próximo com as fontes foram fundamentais para a construção de um programa diferenciado. O envolvimento dos alunos em todas as reportagens possibilitou o aprofundamento no enredo do especial Cultura Negra.

Ao utilizar recursos algumas vezes recursos literários e abordagens mais humanas, buscamos um resultado que fugisse ao lugar-comum. O processo criativo, bem como a finalização da edição do telejornal, proporcionou, a todos os envolvidos, experiências enriquecedoras tanto no âmbito acadêmico quanto no profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Ed. Perspectiva 2002.

CARVALHO, Alexandre (et.al). **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Ed. Manole, 2009.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010.

YOUNG, Iris Marion. **Justice and the politics of difference**. Princeton / Chichester: Ed. Princeton University Press, 1990.